

ESCRITA DAS LÍNGUAS DE SINAIS: UMA ABORDAGEM DESCRITIVA

Wáquila Pereira Neigrames¹

Leandro Viana Silva²

Alexandre António Timbana³

Resumo: A presente pesquisa almeja um panorama da Escrita das Línguas de Sinais – ELiS sua estruturação funcional e difusão no âmbito acadêmico. Sobre a análise da escrita, Higounet (2003) destaca que a escrita é classificada em três grandes tipos: sintética, analítica e fonética. O sinal na Libras pode ser constituído por até cinco parâmetros: configuração manual, orientação da palma, ponto de articulação, movimento e expressão não manual. Esse sistema de escrita (composta por 95 símbolos/letras) possibilita o registro gráfico dos sinais da Libras. O objetivo é de verificar a difusão da ELiS no âmbito acadêmico, despertar o interesse e propagar essa modalidade de escrita. É uma escrita alfabética linear com unidades mínimas denominadas visografemas. Os visografemas representam de forma organizada os cinco parâmetros numa estrutura própria, que segue a dinâmica natural de formação dos sinais, ou seja, cumulativa, resultando em simultaneidade (BARROS, 2015). Os resultados parciais, apontam que a ELiS vêm sendo bem aceite dentro das unidades acadêmicas na disciplina de Libras. É utilizada em concursos e desperta interesse aos pesquisadores embora se enfrenta algumas aversões por parte de estudiosos de outros sistemas de escrita.

Palavras-chave: ELiS. Visografema. Parâmetros. Libras.

Abstract: The goal of this study is to the Sign Language Writing overview. About the writing, Higounet (2003) emphasizes that writing is classified into three main types: synthetic, analytical and phonetic. The Brazilian Sign Language can be constituted with to five parameters: manual configuration, palm orientation, pivot point, movement and non-manual expression. This writing system (made up of 95 symbols / letters) enables the graphic registration of Brazilian Sign Language. The objective is to verify the diffusion of the ELiS in the academic scope, to arouse the interest and to propagate this modality of writing. It is a linear alphabetic writing with minimal units called visographs. The visograms represent in an organized way the five parameters in a proper structure, which follows the natural dynamics of signal formation, that is, cumulative, resulting in simultaneity (BARROS, 2015). The partial results indicate that the ELiS have been well accepted within the academic units in the Brazilian Sign Language subject. It is used in contests and arouses interest to researchers although it faces some aversions on the part of scholars of other writing systems.

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na UFG - Regional Catalão. É professora do Ensino Técnico e Superior no Instituto Federal no campus Itumbiara. E-mail: waquilapn@gmail.com

² Mestrando Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: leandrovianna21@gmail.com

³ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidade e Letras. E-mail: alextimbana@gmail.com

Keywords: ELiS. Visographeme. Parameters. Brazilian Sign Language.

1 Considerações iniciais

O ser humano é por excelência um ser comunicativo. A oralidade ou os sinais são aprendidos na aquisição dentro do meio familiar. Mas a escrita é uma modalidade artificial que deve ser aprendida e não adquirida. A escrita envolve um conjunto de conhecimentos que partem desde o emocional, intelectual até ao psico-físico. Segundo Fischer (2009) os principais centros das escritas no mundo surgiram no ano 1000 a.C nas regiões do norte de África, sul da Europa e partes da Ásia, tal como se ilustrou no mapa apresentado pelo autor na página 62.

Escrever e ler/sinalizar são faces de uma mesma moeda. Ler/sinalizar significa decodificar códigos e conhecer o valor que cada código possui de forma isolada, dentro da palavra, dentro frase ou ainda dentro do contexto. Ler/sinalizar o que está escrito é “conhecer a categorização funcional das letras” (CAGLIARI, 2009, p.124). Não se pode deixar de pontuar que a descrição do sinal e da escrita são relativamente mais lentas do que a oralidade ou o sinal devido a artificialidade da escrita.

A artificialidade da escrita nos leva a compreender porque existem Acordos Ortográficos enquanto que na fala/sinal não existe. A fala/sinal terá variação e a escrita tenderá à uma uniformização através de uma Lei que se chama Acordo ortográfico que deve ser seguido por todos os membros da comunidade linguística. Fayol (2014) nos adverte que existe uma distância considerável entre a escrita e a fala/sinal, pelo fato de a escrita não corresponder exatamente como é a fala/sinal. Quer dizer, a escrita é uma convecção.

Um dos sistemas brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais (doravante ELiS) foi criado no Brasil pela professora Dr^a. Mariângela Estelita Barros, em 1998. Tudo se inicia quando Barros (2015) se matricula no primeiro curso de Libras da cidade de Goiânia – GO. O curso foi ministrado pelo professor Edson Franco Gomes, surdo, ex-aluno do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o qual iniciou a difusão da Libras no Estado de Goiás.

Diante de inúmeras dificuldades durante o curso, a autora relata que se sentia desparelhada para aprender uma língua em outra modalidade, que não a oral. E descobre que “não sabia nem olhar, pois olhava e não via. Não sabia distinguir, dentre toda a informação visual que recebia, o que era linguisticamente significativo, do que não era” (BARROS, 2015, p. 16).

Uma estratégia de aprendizagem de línguas que Barros (2015) estava habituada a usar e sempre sentia eficiência, eram anotações por escrito. Mas, na aula de Libras o contexto não a permitia fazer anotação sequer, por dois motivos: o primeiro por não conseguir olhar para o caderno e para o professor ao mesmo tempo; o segundo, mesmo que conseguisse anotar alguma coisa, utilizava ora uma descrição em português, ora um desenho, e às vezes algo que servisse de recurso mnemônico. Foi exatamente o segundo motivo que a deixou muito inquietante, pelo fato de não poder escrever em Libras. E surge a motivação para a criação da ELiS anos depois.

Em 1995, no início de sua pesquisa de mestrado surge a ideia de criar esse sistema, a partir de descrições de verbos que era sua proposta de analisar. Anos depois, em 1997, conhece o sistema de notação da Língua de Sinais Americana, de William Stokoe, que influenciou fortemente a ELiS. O sistema de Stokoe tinha sua estrutura pautada em pesquisa linguística, era de base alfabética, linear e muito econômico. No ano posterior, em 1998, a autora chega à primeira versão da ELiS.

Depois disso, em seu doutorado, Barros (2015, p. 17) tem o intuito de “fazer desenvolver a ELiS como sistema de escrita eficiente e experimentá-la na prática”. Além disso, a denominação do sistema de escrita foi se modificando; primeiro se chamou *AlfaSig*, depois *QuiroSig*, mais tarde *ScripSig* e batizado novamente, hoje é apresentado definitivamente como ELiS - sendo que a letra “i” em minúsculo só entrou pela necessidade de compor o padrão silábico do português, e por conseguinte facilitar sua pronúncia nessa língua (BARROS, 2007; 2015).

2 Os visogramas

De acordo com proposta de Barros (2015) a ELiS, ao privilegiar a escrita de quatro parâmetros: *Configuração de Dedos (CD)*, *Orientação da Palma (OP)*, *Ponto de Articulação*

(PA) e *Movimento* (M). É organizada de maneira a tornar possível a escrita de qualquer sinal em, hipoteticamente, qualquer língua de sinais.

Segundo a autora, a ELiS é um sistema de escrita das Línguas de Sinais de base alfabética e linear, e seus caracteres são denominados *visografemas*, que segundo a autora:

Representam os elementos visuais que compõem as línguas de sinais, a saber, as configurações de mão, orientações da palma, pontos de articulação, movimentos e expressões não-manuais. Esses elementos são organizados em uma estrutura própria, que segue a dinâmica natural de formação dos sinais, ou seja, sua natureza sequencial cumulativa, que resulta em simultaneidade (BARROS, 2015, p. 15).

Há 95 visografemas na ELiS e eles são agrupados em:

- 10 visografemas no parâmetro CD.
- 6 visografemas no parâmetro OP.
- 35 visografemas no parâmetro PA.
- 44 visografemas no parâmetro M.

2.1. Configuração de Dedos

Pela proposta de Barros (2015), a combinação de visografemas de CD fazem um Formato de Mão. Deste modo, a representação dos dedos separadamente foi propositalmente para gerar maior economia ao sistema, pois dez visografemas são suficientes para, combinados, representarem os Formatos de Mão. A CD, em particular, traz um diferencial para a ELiS, como destaca a autora:

A representação de CD, e não de Formato de Mão, é um grande diferencial da ELiS em relação aos demais sistemas de escrita de língua de sinais existentes, pois além de gerar economia, possibilita inúmeras combinações capazes de atender às variedades de Formato de Mão nas diversas línguas de sinais (BARROS, 2015, p. 21).

As CDs são subdivididas em dois subgrupos: *polegar* e *demais dedos*. A seguir, as representações dos seus visografemas decodificadas em português:

Polegar:

1 **q** fechado

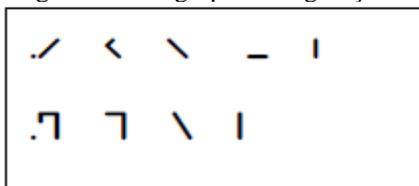
2 **w** estendido paralelamente à frente da palma

- 3 e curvo
- 4 r estendido perpendicularmente à frente da palma
- 5 t estendido perpendicularmente ao lado da palma
- 6 y estendido paralelamente ao lado da palma

Demais dedos:

- 1 q fechado
- 7 u muito curvo
- 8 o curvo
- 9 s estendido inclinado à frente da palma
- 10 g estendido contínuo à palma

Quadro 1: visografemas do grupo Configuração de Dedo (CD)



Fonte: Barros (2015)

2.2. Orientação da Palma

O grupo de OP possui apenas seis elementos, e foi escolhido, também por questão de economia. As representações de OP diagonais, são substituídas na escrita pelas que mais se aproximam delas, isto é, é levado em consideração a representação mental do sinal. Vale ressaltar que este é o único grupo que não apresenta subgrupos nem comporta diacríticos (BARROS, 2015). A seguir, as diferentes orientações (OP):

Orientação da Palma:

- 11 l palma para frente
- 12 ç palma para trás
- 13 Z palma para a medial
- 14 X palma para a distal
- 15 C palma para cima
- 16 V palma para baixo

Quadro 2: visografemas do grupo Orientação da Palma (OP)



Fonte: Barros (2015)

2.3 Ponto de Articulação

O grupo de PA é subdividido em quatro partes: *cabeça*, *tronco*, *membros* e *mãos*. Esse grupo também precisou ser analisado, segundo Barros (2015, p. 22) “pesando-se benefícios e perdas em relação à precisão e à simplicidade, uma vez que o corpo humano é um continuum físico e não tem suas partes nitidamente delimitadas”. Seguem os visografemas desse grupo:

Cabeça:

- 17 Q espaço à frente do rosto
- 18 W alto da cabeça
- 19 E lateral da cabeça
- 20 R orelha
- 21 T testa
- 22 Y sobancelha
- 23 U olho
- 24 I maçã do rosto
- 25 O nariz
- 26 P buço
- 27 A boca
- 28 S dentes
- 29 D bochecha
- 30 F queixo
- 31 G abaixo do queixo

Tronco:

- 32 H pescoço
- 33 J espaço neutro
- 34 K tórax
- 35 Ç abdômen
- 36 L espaço ao lado do tronco

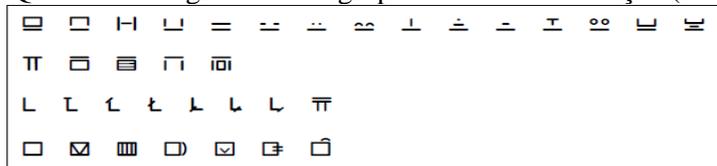
Membros:

- 37 \ braço inteiro
- 38 Z ombro
- 39 X axila
- 40 C braço
- 41 V cotovelo
- 42 B antebraço
- 43 N pulso
- 44 M perna

Mão:

- 45 @ palma da mão
- 46 # dorso da mão
- 47 \$ dedos
- 48 % lateral de dedo
- 49 & intervalo entre dedos
- 50 * articulação de dedo
- 51 _ ponta de dedo

Quadro 3: visografemas do grupo Ponto de Articulação (PA)



Fonte: Barros (2015)

2.4. Movimentos

O grupo de M possui três subdivisões, a saber: *movimentos dos braços*, *movimentos de dedos e punho* e *movimentos sem as mãos*. Barros (2015) especifica que os movimentos dos braços são os que possuem deslocamento da mão no espaço, isto é, aqueles em o braço participa do movimento; os movimentos de dedos e punho são aqueles em que há movimentação apenas os dedos ou o punho; e os movimentos sem as mãos são os realizados por outras partes do corpo que não as mãos, isto é, olhos, bochechas, boca etc.

Apresenta-se, a seguir, os visografemas das três subdivisões do grupo M:

Movimentos de braço:

- 52 à para frente
- 53 á para trás
- 54 â para frente e para trás
- 55 ã para cima
- 56 ä para baixo
- 57 è para cima e para baixo
- 58 é para a direita
- 59 ê para a esquerda
- 60 ë para a direita e esquerda
- 61 ì para o meio
- 62 í para fora
- 63 î para cima e direita
- 64 ï para cima e esquerda
- 65 ò para baixo e direita
- 66 ó para baixo e esquerda
- 67 ô arco
- 68 õ flexão/ext. do braço
- 69 ö circular vertical
- 70 ù circular horizontal
- 71 ú circular frontal

Movimentos de dedos ou punho:

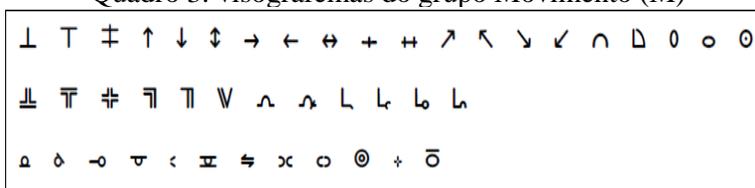
- 72 û abrir a mão
- 73 ü fechar a mão
- 74 À abrir e fechar a mão
- 75 Á flex. os dedos na 1ª articulação
- 76 Â flex. os dedos na 2ª articulação
- 77 Ã unir e separar os dedos
- 78 Ä tamborilar de dedos
- 79 È friccionar de dedos
- 80 É dobrar o punho
- 81 Ê mover o punho lateralmente
- 82 Ë girar o punho
- 83 Ì girar o antebraço

Movimentos sem as mãos:

- 84 Í negação com a cabeça
- 85 Î afirmação com a cabeça
- 86 Ï língua na bochecha

- 87 Ò língua para fora
- 88 Ó corrente de ar
- 89 Ô vibração dos lábios
- 90 Õ mov. lateral do queixo
- 91 Ö murchar bochechas
- 92 Ù inflar bochechas
- 93 Ú boca aberta
- 94 Û piscar os olhos
- 95 Ü girar o tronco

Quadro 3: visografemas do grupo Movimento (M)



Fonte: Barros (2015)

É importante destacar que as expressões não-manuais são contempladas pela ELiS, a autora as colocar no grupo de M, por entender que também são M, apenas não realizados pelas mãos. E acrescenta que algumas não são representadas na ELiS por entender que: a) são intrínsecas ao sinal; b) são previsíveis pela sintaxe; e c) são dadas pelo contexto de leitura (BARROS, 2007; 2015)

3 Uso e divulgação da ELiS

Quanto à divulgação e implantação da ELiS. No ano de 2009, a UFG abriu o primeiro curso de Letras: Libras presencial do Brasil. Na ocasião, a ELiS entrou como disciplina curricular obrigatória, e foi dividida em três semestres, a qual ganhou grande força e maior aprimoramento.

Ainda em 2009 foi desenvolvida a primeira versão de uma fonte digital para a ELiS, por Dimas William d'Oliveira. Mais tarde, após identificação de necessidades que ainda não haviam sido contempladas na fonte, foi feita “uma grande reestruturação da fonte ELiS e a versão atual está pronta e em uso desde 2011” (BARROS, 2015, p 18).

Diversas pesquisas que envolvem a ELiS estão sendo realizadas tanto em nível de mestrado como de graduação. Uma recente defesa a nível de graduação – Trabalho de

Conclusão de Curso – foi a de Freitas (2016): *A produção textual em Escrita das Línguas de Sinais (ELiS): um contraste entre a escrita individual e a escrita colaborativa realizadas por alunos surdos.*

Pesquisas com representações em ELiS de outras línguas de sinais também são destaque: *Libras e ASL representadas pela Escrita das Línguas de Sinais – ELiS*, de Carvalho et al (2016).

Além dessas pesquisas, “estruturas de dicionários têm sido desenvolvidas incluindo a ELiS; cursos de ELiS estão sendo ofertados em centros públicos e privados de ensino da Libras, bem como em escolas inclusivas que abrigam vários alunos surdos” (BARROS, 2015, p. 19).

A ELiS tem criado força e tem sido usada e difundida no curso de graduação em Letras – Libras da Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Mato Grosso e Universidade Federal de Grande Dourado, bem como vem ganhando cada vez mais espaço, como por exemplo, “nos Centros e Capacitação de Profissionais de Educação e de Atendimento às pessoas com Surdez (CAS), em Centros de Referência, Associações de Surdos e cursos livres de Libras. Além disso, a ELiS está sempre presente em grandes congressos de linguística, educação e língua de sinais” (BARROS, 2015, p. 15).

Assim, a ELiS, conforme ressalta Barros (2015, p. 19) está na fase de sua autoafirmação dentro da comunidade surda, isto é, “a fase de uso e divulgação/implantação da ELiS nas diversas esferas sociais em que a Libras já se faz presente em sua modalidade sinalizada”

4 Considerações finais

A escrita é uma modalidade da língua muito importante nos dias atuais. Passamos a maior parte de tempo lendo e escrevendo. Muitas vezes, não percebemos que ao escrever estamos lendo ao mesmo tempo. Toda a escrita vem criar o registro da língua, seja ela oral ou de sinais como é o caso que acabamos de mostrar. Essa escrita permite o registro de diversos fenômenos sociais que servirão de memória social. Em situações onde se tem uma língua ágrafa é muito difícil de compreender como era a língua há séculos passados. Por isso

que muitos estudos recolhem escritos antigos, analisam para compreender como a língua variou e mudou ao longo do tempo.

O modelo de escrita que acabamos de apresentar ainda merece discussão e debate no seio acadêmico. Por essa razão existem outras formas da escrita. Mas o importante é que os debates e as pesquisas precisam avançar até que consigamos um consenso para a que se possa padronizar. Não podemos continuar assim, cada um escrevendo e adotando a sua escrita.

Uma das vantagens é que a Libras se fala no Brasil. Se fosse uma língua internacional teríamos mais problemas na padronização tal como acontece nas línguas orais como o português. Lembremos que os portugueses saíram “murmurando e reclamando” no último acordo de 2009, por perderam algumas grafias que eram usuais no português antigo. Por outro lado, os países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) também reclamam nos dias atuais da não inclusão das suas variedades no português africano. Esse tipo de debate ficará dispensado no contexto de Libras.

Sabe-se que um acordo ortográfico é meramente político do eu verdadeiramente científico. Então, os estudiosos de Libras precisam avançar nas suas pesquisas para que possam submeter propostas para que sejam discutidos em fórum políticos mais elevados. Se queremos ver a Libras crescer na literatura, na arte assim como a sua expansão é necessário que a escrita seja valorizada, pois é ela que move o mundo atual. Sem a escrita é impossível sobreviver no mundo globalizado como o que vivemos. O presente trabalho procurou mostrar como a escrita é importante nas sociedades atuais e precisamos de alguma forma colocarmos em prática o modelo que temos pronto e que as correções e adaptações sejam feitas ao longo do uso.

Referências

BARROS, M. E. Escrita das Línguas de Sinais. In: QUADROS, R. M. de; PERLIN, G. (org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

_____. **ELiS – escrita das línguas de sinais**: proposta teórica e verificação prática. 2008. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____. **ELiS**: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais. Porto Alegre: Ed. Penso, 2015.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetizando sem ba, bé, bi, bó, bú**. São Paulo: Scipione, 2009.

CARVALHO, A. G. de.; BARROS, M. E.; EL KHOURI, J. I. B.; SILVA, L. V. **Libras e ASL representadas pela Escrita das Línguas de Sinais – ELiS**. Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades, n. 6, v. 1, p. 23-34, 2016.

FAYOL, M. **Aquisição da escrita**. Trad.. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

FISCHER, S. R. **História da escrita**. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: UNESP, 2009.

FREITAS, G. G. de. **A produção textual em Escrita das Línguas de Sinais (ELiS)**: um contraste entre a escrita individual e a escrita colaborativa realizadas por alunos surdos. 2016. 147f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras: Libras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.